

Desafios ao desenvolvimento do assentamento rural Coroa Verde, Município de Barra do Rocha, Estado da Bahia, Brasil

The Challenges to Social and Economic Development in Rural Settlements Coroa Verde, Barra do Rocha Municipality South of Bahia State, Brazil

Paulo César Bahia de Aguiar

Geógrafo. Magister en Desarrollo Regional y Medio Ambiente, Universidad Estadual de Santa Cruz -UESC, Brasil.
Correo electrónico: prof.pauloaguiarqbol.com.br

Nelma Lima Bruno

Geógrafa. Maestranda en Desarrollo Regional y Medio Ambiente, Universidad Estadual de Santa Cruz -UESC, Brasil.
Correo electrónico: nelmalima06@hotmail.com

Luiz Augusto Grimaldi Sampaio

Ingeniero Agrónomo. Doctorado en Producción Vegetal e profesor, Universidad Estadual de Santa Cruz -UESC, Brasil.
Correo electrónico: sampaio@uesc.br

Larissa Corrêa do Bomfim Costa

Ingeniera Agrónoma. Profesora Doctorado del Departamento de Ciencias Biológicas, Universidad Estadual de Santa Cruz -UESC, Brasil
Correo electrónico: larissa@uesc.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo central analisar os principais desafios ao desenvolvimento do Assentamento Rural Coroa Verde. Associado a esse objetivo geral tem-se os seguintes objetivos específicos: caracterizar socioeconomicamente o assentamento; identificar as principais dificuldades do assentamento no âmbito produtivo; analisar os principais desafios ao desenvolvimento do assentamento no âmbito econômico (produtivo) e social. A pergunta de investigação que norteou a pesquisa se concentra na seguinte questão: quais os principais desafios atuais existentes para o desenvolvimento do Assentamento Rural Coroa Verde? Como metodologia utilizou-se de técnicas de documentação direta (pesquisa de campo), e técnicas de documentação indireta (pesquisa bibliográfica e documental). Fez-se levantamento do índice pluviométrico

da região de inserção do assentamento correspondente aos anos de 2010 a 2014, através de dados levantados junto ao INMET – Instituto Nacional de Meteorologia, e levantamento de dados em campo e observações in loco. Como tratamento dos dados e informações, procedeu-se a construção de gráficos, quadros e tabelas – e posterior análise e interpretação. A partir dos resultados puderam-se constatar desafios a serem superados no assentamento no que se refere ao processo produtivo, dentre os quais a substituição de práticas prejudiciais como a utilização de fertilizantes, adubos químicos e inseticidas, por práticas consideradas limpas (manejo natural). Constatou-se a necessidade de se trabalhar o cooperativismo entre os assentados tanto no processo de produção quanto de comercialização dos produtos e, também, a adoção de artifícios para melhor

aproveitamento do recurso “água”, de forma especial a água da chuva, através do desenvolvimento de sistemas de captação e armazenamento nas áreas produtivas. Importante se faz ainda o acompanhamento aos assentados desde o apoio técnico à produção, à capacitação, ao acesso a crédito, e para a agregação de valor aos seus produtos, e melhorar o senso de coletivismo e cooperação, além de mais oportunidades aos jovens.

Palavras chave: Desenvolvimento Rural. Sustentabilidade. Produção Agrícola. Cooperativismo. Realidade Socioeconômica.

Abstract: The quest for the development of rural settlements has constituted a great challenge in the Brazilian context, especially because of factors that have relegated these spaces to a second position regarding to the adoption of development policies. This article aims to diagnose challenges to agricultural production in Projeto de Assentamento Rural Coroa Verde – Municipality of Barra do Rocha/Bahia. The methodology we used was techniques of direct documentation (field research) and indirect technical documentation (bibliographical and documentary research).

Recibido: 10-10-2014

A last-four-year survey of the rainfall in the region of the settlement was made using data collected from the INMET - National Institute of Meteorology and data collection in the field and on-site observations. Graphics and tables were built while processing the data and information collected and its subsequent analysis and interpretation. As a result, challenges were seen and pointed to be overcome in the settlement especially regarding to the production process, among them the substitution of harmful practices such as use of fertilizers, chemical fertilizers and insecticides by practices considered clean (natural management). The necessity to work in cooperation among other settlers in the production and commercialization of products process is a priority. Also the adoption of devices for better use of the resource “water” was verified as required, as well as the development of rainwater capture and storage systems in production areas. Monitoring the settlers to provide technical production support, training, access to credit, and moreover to add value to their products.

Keywords: Rural Development. Sustainability. Agricultural Production. Cooperatives. Economic Dimension.

Aprobado: 15-08-2015

Introdução

Nos últimos anos tem se intensificado os debates em torno dos problemas internos que tem afetado muitos projetos de assentamentos rurais no Brasil, e a literatura tem registrado e enfatizado a insustentabilidade que normalmente tem acometido esses espaços no que se refere ao modo de organização social e produtiva.

Os problemas apontados e discutidos em boa parte dos casos perpassam pelos baixos níveis de organização, coesão social e produtiva (COLLINS, 2010), e de assistência técnica e de extensão rural nesses espaços; e a sua ocorrência se explica, dentre outros motivos, por consequência das relações de poder dentro dos assentamentos e pela omissão dos órgãos gestores (PEREIRA; SILVA e SILVA FILHO, 2014).

Tal realidade se contradiz com a principal função social que esses espaços deveriam exercer, conforme o proposto oficialmente pelos meios reguladores da política agrária no país - função essa que envolve a fixação do produtor rural sem-terra a terra, da qual deve obter o seu sustento, fundamentado no modo de organização social (SILVA e CEREDA, 2014), e contando com a assistência dos órgãos específicos.

Segundo Lacerda (2007), embora os projetos de assentamentos rurais possibilitem o acesso à terra por parte de trabalhadores e suas famílias, contudo, essas famílias assentadas ainda enfrentam muitas dificuldades ao tentar tirar desta o seu sustento. Por conta disso, muito se tem discutido sobre alternativas que promovam uma agricultura familiar sustentável dentro do processo de assentamento rural, garantindo segurança alimentar ao produtor e sua família, obtenção de renda e minimização dos impactos ambientais (LIMA e LOPES, 2012).

Identificar e analisar os fatores que tem causado essa insustentabilidade em assentamentos rurais brasileiros, a partir dos desafios ao desenvolvimento desses espaços, é algo primordial para a compreensão da realidade em que os mesmos se encontram - cada qual em suas especificidades locais e regionais - possibilitando a formulação e implantação de políticas públicas voltadas para a dinamização, transformação e valorização de suas respectivas comunidades, a tomada de decisão por parte dos moradores no sentido do desenvolvimento socioeconômico com autonomia e autogestão, de forma participativa com os órgãos competentes.

Desenvolver estudos com essa finalidade, tendo como base as especificidades locais e regionais de cada contexto, é primordial para o entendimento desses ambientes e para a busca da construção de comunidades sustentáveis, consolidando essa forma de abordagem. Nesse sentido foi que se realizou o estudo no Projeto de Assentamento Rural Coroa Verde.

O objetivo central do presente artigo é analisar os principais desafios ao desenvolvimento do Assentamento Rural Coroa Verde. Associado a esse objetivo geral tem-se os seguintes objetivos específicos: caracterizar socioeconomicamente o assentamento; identificar as principais dificuldades do assentamento no âmbito produtivo; analisar os principais desafios ao desenvolvimento do assentamento no âmbito econômico (produtivo) e social.

A pergunta de investigação que norteou a pesquisa se concentra na seguinte questão: quais os principais desafios atuais existentes para o desenvolvimento do Assentamento Rural Coroa Verde?

O Assentamento Rural foco do presente trabalho está situado no município de Barra do Rocha, Sul do Estado da Bahia, Brasil, a cerca de 6 km entre a sede municipal e a sede do assentamento, seguindo pela rodovia BR 330, sentido de Ipiaú, entrando à direita depois de 3km da cidade de Barra do Rocha, tendo como referência uma guarita (que serve como ponto de ônibus). Este assentamento foi criado oficialmente no dia 05 de novembro do ano de 1999, na Fazenda Coroa Verde - a qual possuía, quando da criação do assentamento, a dimensão de 897,7277 hectares (ha) e 35.142,24 metros (m) de perímetro (GOMES e NASCIMENTO, 2002) - contando com 55 famílias assentadas, embora tenha sido projetado para assentar até 60 famílias; se constitui em um dos maiores na região em extensão territorial e, segundo as fases definidas pelo INCRA, se encontra em processo de estruturação (INCRA, 2011).

REVISÃO DE LITERATURA

Desenvolvimento rural e sustentabilidade

Estudar espaços rurais no Brasil requer entender o processo de (re)-produção do espaço brasileiro em suas contradições, compreender a dinâmica de cada região e as particularidades locais de cada contexto.

No cerne das particularidades locais de cada contexto, a dinâmica de uma determinada população no território, ocupando espaços ou mesmo desocupando outros, mantendo relações e propiciando a ocorrência de diferentes fluxos, é influenciada diretamente por questões econômicas, sociais, políticas e ambientais, tanto do contexto interno quanto do contexto externo ao local - as quais se relacionam dialeticamente.

Segundo González (1999), o rural é uma categoria de mesma ordem que o urbano quando se refere a um espaço de ordem territorial que abriga um conjunto complexo de setores econômicos, comunidades, culturas e processos políticos, com especificidade e lógica própria. Essa visão de Gonzáles sobre o que vem a ser o rural é importante, pois desmistifica a visão do rural dissociado do urbano. Ou seja, deixa-se de ver o rural como um espaço isolado e que não possui os mesmos setores de funções que o urbano, e passa-se a vê-los como espaços intrinsecamente articulados, contendo os mesmos setores – apenas com particularidades e lógicas que lhe são próprias.

Para Gonzáles (Ibidem), o rural refere-se a todo um tecido econômico, social e ambiental que inclusive possui um conjunto de atividades muito diversas como a agricultura, o artesanato, a pequena e média indústria, comércio, turismo e serviços; e o espaço rural se caracteriza por apresentar diferentes elementos, dentre os quais a presença de comunidades, em seus diversos contextos e com suas especificidades.

Muitos pesquisadores ainda vêm trabalhando em seus estudos sobre os espaços rurais de maneira dissociada dos espaços urbanos, ou seja, enquanto espaços isolados. No entanto, Andrade (2010) pontua que na atual conjuntura não cabe mais o estudo isolado desses espaços (a tão discutida e questionada dicotomia rural-urbano). A dicotomia entre o rural e o urbano, no atual estágio de globalização, é um mito a ser desconstruída (ROSAS, 2010), uma dualidade que vem perdendo consistência (ANDRADE, 2010), pois ambos os espaços fazem parte de um mesmo processo, são articulados, exercem atração e possuem funções que se complementam - embora possuam particularidades específicas, as quais tornam cada um desses espaços objetos singulares a serem elucidados.

Para Tarpani (1991), as comunidades rurais [inclui-se aí as comunidades de assentamentos rurais] são entendidas pela forma de ocupação, sendo a sociedade rural essencialmente aquela na qual os indivíduos trabalham em atividades agrícolas; seus habitantes estão muito mais expostos às condições do meio físico, às variações dessas condições em contato muito mais estreito com a natureza; o número de habitantes é menor e mais homogeneizado do ponto de vista psicossocial.

Toledo (1996), chamando a atenção para as comunidades rurais, pontua que, em escala mundial, estas são constantemente assediadas pelas forças destrutivas do “desenvolvimento modernizador”, que se baseia na destruição da natureza e da coletividade e na consagração dos interesses individualistas da sociedade industrial,

tecnocrática e materialista. Um dos grandes desafios às comunidades de assentamentos rurais está em buscar, de forma coesa, o seu desenvolvimento com autogestão.

Para Toledo (Ibidem, p. 1), o desenvolvimento comunitário sustentável é “aquele processo de caráter endógeno por meio do qual uma comunidade toma (ou recupera) o controle dos processos que a determinam e a afetam”. São seis esses processos, a saber: 1. Tomada de controle do seu território; 2. Uso adequado e não destrutivo dos recursos naturais (Tomada de controle ecológico); 3. Tomada de controle cultural; 4. Tomada de controle social; 5. Tomada de controle econômico; 6. Tomada de controle político.

Sachs (2002) pontua que o conceito de sustentabilidade apresenta cinco dimensões, a saber: 1- Sustentabilidade social; 2- Sustentabilidade econômica; 3- Sustentabilidade ecológica; 4- Sustentabilidade geográfica; e 5- Sustentabilidade cultural.

Sen (1999) conceitua o desenvolvimento como “expansão das liberdades”, a exemplo da liberdade política, disponibilidade econômica, oportunidades sociais, garantia de transparência, e proteção da segurança; ou seja, em sua essência, a produção de mais democracia.

OS ASSENTAMENTOS RURAIS NO SUL DA BAHIA E ATUAL POLÍTICA DO ESTADO

Diversas pesquisas, em diferentes esferas, vêm abordando a realidade de assentamentos rurais em suas particularidades regionais e locais, dentro do contexto brasileiro.

É notória nessas pesquisas a abordagem dos diferentes tipos de problemas que se fazem presentes na maior parte desses assentamentos, indo desde questões que envolvem o baixo nível de associativismo e cooperação em diferentes aspectos da vida comunitária, baixo nível de instrução formal e de qualificação técnica para o trabalho, conflitos de poder, baixa disponibilidade hídrica para a produção, ausência de assistência técnica aos produtores, se refletindo de forma negativa na produção, circulação e comercialização dos produtos, e, por conseguinte, na obtenção satisfatória de renda, dentre outros fatores.

Portanto, o estudo da realidade de cada assentamento rural brasileiro, em suas especificidades, é de primordial importância para o entendimento desses espaços em suas contradições, e como mecanismo para identificar as suas potencialidades e para a busca pela efetivação do real papel desses espaços dentro do proposto pela política nacional de reforma agrária, enquanto espaços de socialização da terra e de busca pelo desenvolvimento rural sustentável.

Os assentamentos rurais do Sul do Estado da Bahia, em sua maioria, são frutos de uma realidade regional particular: reflexos das transformações socioeconômicas advindas em razão do declínio da atividade econômica cacauicultura (monocultura que por longas décadas predominou na região). Por conseguinte, o estudo desses espaços deve levar em consideração as suas diferentes nuances, dentre as quais as ligadas aos aspectos produtivos.

O Sul do Estado da Bahia foi o berço, nesse estado, da atividade econômica cacauicultura. Essa atividade econômica por longo período concentrou a maior parcela da mão de obra regional, foi responsável pelo surgimento de povoados e municípios e pela formação de uma microrregião denominada “cacaueira”, significou a principal

atividade econômica de vários municípios, proporcionou riqueza para produtores, foi responsável pela maior concentração da população regional no espaço rural, influenciou significativamente a organização e dinâmica do espaço rural/agrário, e se constituiu num signo do desenvolvimento regional (ROCHA, 2008).

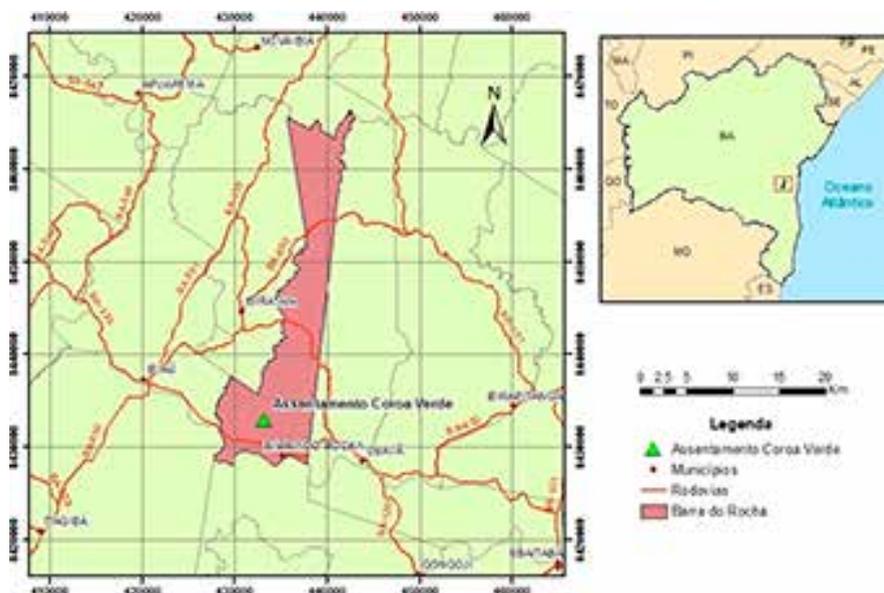
No entanto, devido às crises que essa atividade econômica sofreu, culminando com a pior delas, a qual teve início em 1987 com fatores internos à região e internacionais, e que foi agravada a partir de 1989 com a introdução da praga denominada *vassoura-de-bruxa*, a qual dizimou extensas áreas de cacau, sérios problemas, tanto econômicos quanto sociais e ambientais advieram (MASCARENHAS, 2004; ROCHA, 2008).

Dentre os problemas, citam-se: abandono de lavouras, falência de fazendas e concordatas em empresas comerciais e industriais, desabastecimento do parque moageiro e importação de cacau, pressão sobre recursos naturais, substituição de áreas de cacau por pastagem, desemprego, êxodo rural e declínio econômico de vários municípios (MASCARENHAS, 2004; FERNANDES et al., 2008; AGUIAR et al., 2014).

Algumas fazendas que faliram e que foram abandonadas se tornaram assentamentos rurais: umas a partir de ocupações e conflitos armados, outras através de ocupação e negociação - e muitos ex-trabalhadores dessas fazendas se tornaram assentados. Enquanto alguns municípios, lentamente, passaram por um processo de reorganização socioeconômica.

O Sul da Bahia, atualmente, possui 85 projetos de assentamentos rurais, os quais se encontram em diferentes fases de organização conforme as fases definidas pelo INCRA (2011 apud MELIANI, 2014).

Figura 1. Assentamento Coroa Verde no município de Barra do Rocha, Sul do Estado da Bahia.



Elaboração: SHIGUEAKI, M. (2014).

A política do Estado para a região, na atual conjuntura, não tem sido de desapropriação de terras para a criação de novos assentamentos, mas sim de consolidação dos já existentes, e a busca pela emancipação dos trabalhadores assentados e sua integração ao mercado, através da disponibilização de créditos para o processo produtivo (FREITAS e GERMANI, 2010 apud MELIANI, 2014). Dessa forma, as políticas públicas, no que se refere à reforma agrária, têm assumido menos o sentido de socialização da terra e mais o de “transformação dos assentamentos existentes em espaços da produção capitalista, viáveis economicamente, voltados exclusivamente para o mercado” (MELIANI, 2014, p. 251).

Tal política tem contribuído decisivamente para o tipo de dinâmica do espaço presente nesses assentamentos, em razão da lógica que os tem norteado.

Metodologia

Este trabalho se dividiu em duas etapas: a etapa de laboratório e a etapa de campo. A etapa de laboratório consistiu no levantamento do índice pluviométrico da região de inserção do assentamento do período compreendido entre os anos de 2010 a 2014, através de dados levantados junto ao INMET – Instituto Nacional de Meteorologia, e tabulação desses dados; e também tabulação dos dados e informações obtidos em campo (construção de gráficos, quadros e tabelas – e posterior análise e interpretação). A etapa de campo consistiu no levantamento de dados e observações in loco.

Como modelo teórico utilizou-se um estudo exploratório de dados, baseando-se em alguns tópicos da Estatística Descritiva, tais como: representação tabular e representação gráfica.

Para a efetivação da pesquisa utilizou-se de técnicas de documentação direta, como pesquisa de campo (aplicação de formulário semiestruturado a 45 cadastrados e 1 em processo de cadastramento - número de assentados que foram encontrados no período de aplicação do formulário, do total dos 55 cadastrados, e aplicação de formulário estruturado a 14 cadastrados, ou seja, 30% dos 46 pesquisados, de forma aleatória) -, e técnicas de documentação indireta, como pesquisa bibliográfica e documental (livros e artigos impressos e publicados na internet).

A pesquisa bibliográfica e documental permitiu com que se estabelecesse a fundamentação teórica do trabalho. Já o levantamento de dados de campo e observações in loco, e o levantamento dos dados pluviométricos, permitiram com que fossem feitas as breves análises dos desafios ao desenvolvimento rural sustentável no Assentamento Rural Coroa Verde.

Resultados e discussão

REALIDADE SOCIOECONÔMICA NO ASSENTAMENTO COROA VERDE

No Assentamento Coroa Verde, do total das famílias visitadas em suas residências para esta pesquisa, duas residências continham apenas um morador; dez famílias eram constituídas de apenas dois membros; quatorze famílias eram constituídas de três membros; cinco famílias eram constituídas de quatro membros; sete famílias eram constituídas de cinco membros; quatro famílias eram constituídas de seis membros; duas famílias eram constituídas de sete membros; e duas famílias eram constituídas de

onze membros. O que dá um total de 179 pessoas, e uma média de 3,9 membros por família.

Dessas famílias, vinte e quatro (52% das famílias) tinham dois dos seus membros residentes trabalhando; onze famílias (24% das famílias) tinha apenas um de seus membros residentes trabalhando; seis famílias (13% das famílias) tinham três de seus membros residentes trabalhando; três famílias (7% das famílias) tinham quatro membros residentes trabalhando; e duas famílias (4% das famílias) tinham cinco ou mais membros trabalhando (Tabela 1).

Tabela 1. Membros das famílias residentes no Assentamento Rural Coroa Verde que trabalham

Membros da família que trabalham	Frequência absoluta de famílias	Frequência percentual das famílias
1	11	24%
2	24	52%
3	6	13%
4	3	7%
5 ou mais pessoas	2	4%
Total	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013/2014).

No que se refere ao local da ocupação do trabalho dos membros das famílias que estavam trabalhando, os membros de 29 famílias que estavam trabalhando tinham a sua ocupação do trabalho exclusivamente no Assentamento Coroa Verde; 9 famílias tinham os seus membros que trabalhavam ocupados dentro do Assentamento Coroa Verde e na Cidade de Barra do Rocha; 7 famílias tinham os seus membros que trabalhavam ocupados em alguma atividade no Assentamento Coroa Verde e em outras áreas rurais; e uma família tinha os seus membros que trabalhavam ocupados em alguma atividade no Assentamento Coroa Verde e em outras localidades não especificadas (Tabela 2).

Tabela 2. Local onde os membros das famílias residentes no Assentamento Rural Coroa Verde que trabalham tem a sua ocupação do trabalho

Local onde trabalha	Frequência absoluta de família	Frequência percentual de família
Assentamento Coroa Verde	29	63,04%
Assentamento Coroa Verde e em outras localidades	1	2,17%
Assentamento Coroa Verde e na Cidade de Barra do Rocha	9	19,57%
Assentamento Coroa Verde e em outras áreas rurais	7	15,22%
Total	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013/2014).

Apenas nove das quarenta e seis famílias não recebiam nenhum tipo de benefício do Governo Federal. Das famílias que recebiam algum tipo de benefício do Governo Federal, a maior porcentagem (30,44%, ou seja, 14 famílias) respondeu que algum membro recebia aposentadoria. A segunda maior porcentagem (13,04%, ou seja, 6 famílias) foram das que recebiam Bolsa família. A terceira maior porcentagem (10,87%, ou seja, 5 famílias) foi das que expressaram receber aposentadoria e bolsa família, e apenas Bolsa escola. A menor porcentagem (2,17%, ou seja, 1 família) foi das que expressaram receber apenas benefício por idade, e benefício por idade e bolsa escola (Tabela 3). Esses números deixam evidente a forte dependência por parte da maioria das famílias de algum tipo de benefício do Governo Federal para a sua manutenção ou para o complemento da renda, em alguns casos sendo a base de subsistência da família.

Tabela 3. Tipo de benefício que cada família residente no Assentamento Rural Coroa Verde recebe do Governo Federal

Tipo de benefício que recebe do governo	Frequência absoluta de famílias	Frequência percentual das famílias
Aposentadoria	14	30,44%
Aposentadoria e benefício	2	4,35%
Aposentadoria e bolsa família	5	10,87%
Benefício	1	2,17%
Benefício e bolsa escola	1	2,17%
Benefício e bolsa família	3	6,52%
Bolsa escola	5	10,87%
Bolsa família	6	13,04%
Nenhum	9	19,57%
Total	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013/2014).

*O Programa Bolsa Escola foi incorporado ao Programa Bolsa Família.

Para o quesito renda familiar mensal, 71,74% das famílias (33 famílias) disseram perceber uma renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos; 21,74% (10 famílias), menos de 1 salário mínimo; e 6,52% (apenas 3 famílias) percebiam entre 4 a 6 salários mínimos (Tabela 4).

Tabela 4. Renda familiar mensal no Assentamento Rural Coroa Verde

Renda Familiar	Frequência absoluta de famílias	Frequência percentual
Menos de 1 salário mínimo	10	21,74%
1 a 3 salários mínimos	33	71,74%
4 a 6 salários mínimos	3	6,52%
Total	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013/2014).

Todas as 46 famílias pesquisadas possuem água encanada em suas residências (Tabela 5), cuja origem é um poço artesiano que se encontra localizado próximo às residências. A água encanada disponibilizada para as residências não é submetida a nenhum tipo de tratamento desde sua origem até as casas; apenas, às vezes, um agente de saúde passa nas residências e coloca algum produto na água reservada, nos vasilhames, com a finalidade de matar possíveis larvas de mosquitos transmissores de doenças como a dengue.

As residências visitadas possuem energia elétrica, e nenhuma delas possui esgotamento sanitário. Em quarenta e três residências há a presença de fossa para escoamento dos dejetos dos moradores, e três residências não possuem fossa em seus quintais – utilizando-se as famílias de meios rudimentares, como o cavar buraco no chão, para evacuar os seus dejetos. A não presença de esgotamento sanitário é fator preocupante, pois possivelmente pode estar havendo a contaminação do lençol freático e, por conseguinte, da água do poço que abastece as residências.

Já no que se refere ao lixo doméstico, existem alguns tambores metálicos disponíveis em área aberta do assentamento para os moradores despejarem seus lixos domésticos, e uma vez por semana o carro da limpeza pública passa no assentamento e recolhe o lixo dos tambores. Alguns poucos moradores ainda se utilizam da prática da queima de lixo em seus quintais.

Tabela 5. Saneamento básico nas residências do Assentamento Rural Coroa Verde

SANEAMENTO BÁSICO NAS RESIDÊNCIAS				
Resposta	Possui água encanada	Possui energia elétrica	Possui esgotamento sanitário	Possui fossa
Sim	46	46	0	43
Não	0	0	46	3

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2013/2014).

Por sua vez, no que consiste à organização associativa, os moradores do Coroa Verde estão organizados em duas associações, Apacove e Anapacove, sendo que 74% dos entrevistados (34 pessoas) pertenciam à Apacove; 22% (10 pessoas) pertenciam à Anapacove; 2% (uma pessoa) ainda não inscrita; e 2% (uma pessoa) não quis responder.

A Apacove (Associação dos Produtores no Projeto de Assentamento Coroa Verde) é a oficial e a mais antiga das duas associações, e é ligada à CUT, sendo que inicialmente ela congregava todos os assentados. Contudo, devido a discordâncias internas, alguns associados se desvincularam e fundaram a associação Anapacove.

No assentamento, o parcelamento das terras produtivas para os assentados ocorre da seguinte forma: cada assentado tem direito a 10 ha (hectares) de terra para produzir, com sua família, sendo 6 ha para produção diversificada e 4 ha de cacau. Além de existir ainda uma área destinada à produção coletiva entre todos os assentados.

O tipo de organização produtiva predominante é o “familiar” em que dois ou mais membros da mesma família trabalham na área de terra produtiva destinada à família.

Este tipo de organização produtiva pode ser identificado em 76% das famílias. Os outros 24% é do tipo de organização produtiva “individual”, em que apenas um membro da família trabalha na área produtiva destinada à sua família.

DESAFIOS À PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ASSENTAMENTO RURAL COROA VERDE

Os desafios à produção agrícola no assentamento que são explicados a seguir foram definidos a partir de três situações: 1. Por meio de diálogos prévios com a liderança do assentamento e observações diretas feitas em diferentes momentos; 2. Por meio da aplicação do formulário semiestruturado, o qual foi construído com questões baseadas na leitura de outras pesquisas sobre o tema, em outros contextos, e também por experiências anteriores dos pesquisadores, possibilitando identificar as situações que seriam presentes no assentamento e suas possíveis causas; 3. A partir dos dados empíricos levantados com o formulário semiestruturado para validação do objeto pesquisado, os quais possibilitaram a ampliação das situações previstas no formulário.

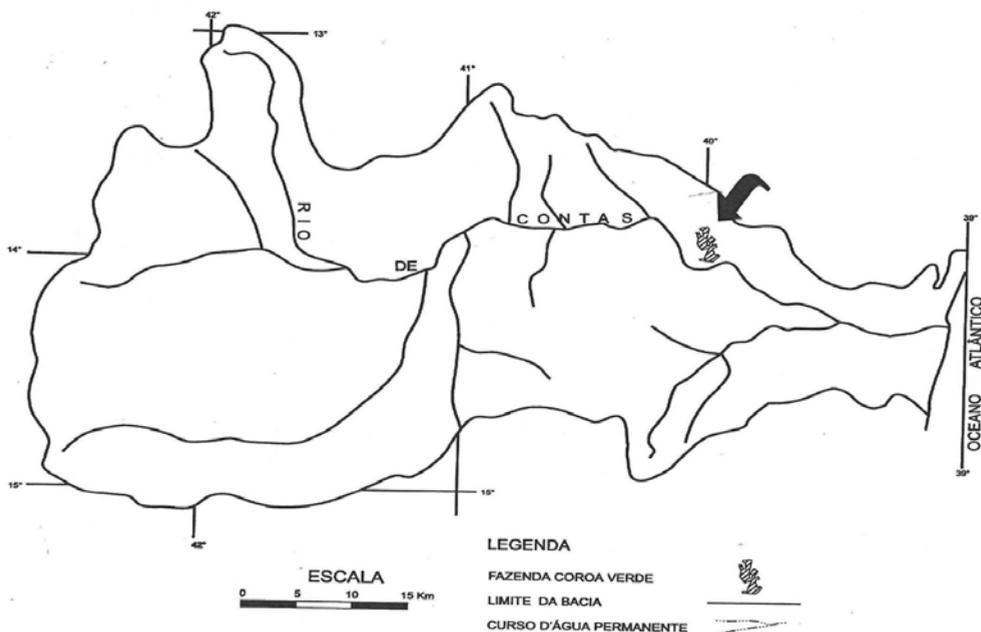
DIFICULDADES EM TER ACESSO A ÁGUA PARA A PRODUÇÃO

Segundo Santos et al. (2012), a distribuição do recurso água no Brasil se dá de forma desigual, onde a maior parte se encontra disponível em regiões de baixa densidade populacional, enquanto nas regiões mais populosas os problemas ligados ao desabastecimento são frequentes.

O clima da região onde se encontra o assentamento, conforme classificação de Köppen, é do tipo tropical úmido “Am” (GOMES e NASCIMENTO, 2002). No que se refere ao recurso hídrico, está localizado no território de abrangência da Bacia do Riacho Ribeirão, a qual por sua vez faz parte da Sub-Bacia do Riacho do Rocha, tributário da Bacia Hidrográfica do Rio de Contas (Figura 2).

Ao noroeste e ao sudoeste do assentamento ocorrem cabeceiras de drenagem que se deslocam em direção ao Rio da Formiga, o qual deságua no Rio de Contas (GOMES e NASCIMENTO, 2002). Afluente do Riacho do Rocha, o Riacho Ribeirão é o seu curso de drenagem mais expressivo, o qual corre no sentido norte-sul; e no sentido norte e leste, em alguns trechos, se constituindo o seu limite territorial (GOMES e NASCIMENTO, *Ibidem*). Esse riacho, no entanto, não passa próximo da maioria das áreas produtivas, o que tem trazido dificuldades à maioria dos assentados para a produção. Portanto, na maior parte dos lotes há a ausência de disponibilidade de água para irrigar os cultivos. Os assentados dependem dos períodos de chuva para plantar e ver os seus cultivos se desenvolverem.

Figura 2. Localização da Fazenda Coroa Verde na Bacia Hidrográfica do Rio de Contas



Fonte: Diagnóstico Geoambiental e Socioeconômico da Bacia do Paraguaçu – BA, IBGE (1993).

Diante desse contexto, a água da chuva poderia ser uma alternativa, levadas em considerações as especificidades pluviométricas da região, para facilitar o acesso à água de qualidade para manter o processo produtivo.

Para a região de inserção do assentamento, nos anos de 2010 e 2011, os totais anuais de precipitações pluviométricas (chuvas em milímetros - mm) foram relativamente bons - sendo, respectivamente, de 1.161mm e 1.227mm - e a média pelos meses dos dois anos foi, respectivamente, de 96,75mm e 102,25mm. Já nos anos de 2012 e 2013, no entanto, ocorreu redução nos totais anuais de precipitações, os quais foram, respectivamente, de 788mm e 880mm, ou seja, não chegando perto dos 1.000mm - e a média pelos meses destes dois anos foi, respectivamente, de 66mm e 73mm. No ano de 2014, o total anual de precipitação foi de 911mm, e a média mensal foi 76mm - sendo que as maiores incidências de chuva ocorreram nos meses de novembro e dezembro, com 194mm e 323mm respectivamente, as quais, juntas, foram superiores à soma da quantidade de chuva dos outros meses do ano (Tabela 6).

Essa observação é importante, porque os assentados dependem diretamente dos períodos de chuva para plantar e ver os seus cultivos se desenvolverem. Essas oscilações nos meses de maiores e menores picos de chuva, nos anos, associado à ausência de práticas por parte dos assentados voltadas para a captação, armazenamento e reutilização da água da chuva no processo produtivo podem trazer dificuldades para o desenvolvimento dos cultivos.

Tabela 6. Índice pluviométrico da região de inserção do assentamento nos anos de 2010 a 2014 (em milímetros – mm)

Mês do ano	Ano de 2010		Ano de 2011		Ano de 2012		Ano de 2013		Ano de 2014	
	Total no mês	Representação percentual do total do mês no total do ano	Total no mês	Representação percentual do total do mês no total do ano	Total no mês	Representação percentual do total do mês no total do ano	Total no mês	Representação percentual do total do mês no total do ano	Total no mês	Representação percentual do total do mês no total do ano
Janeiro	43	4%	93	7,6%	35	4,4%	187	21%	8	0,9%
Fevereiro	53	5%	63	5,1%	110	14,0%	85	10%	0	0%
Março	212	18%	132	10,8%	90	11,4%	31	3%	0	0%
Abril	107	9%	204	16,5%	29	3,7%	111	13%	25	2,7%
Maior	38	3%	92	7,5%	75	9,5%	64	7%	60	6,6%
Junho	28	2%	38	3,1%	71	9,0%	111	13%	117	12,8%
Julho	188	16%	122	9,9%	66	8,4%	79	9%	99	10,9%
Agosto	52	5%	38	3,1%	125	15,9%	102	12%	30	3,3%
Setembro	58	5%	55	4,5%	15	1,9%	37	4%	18	2%
Outubro	68	6%	127	10,4%	60	7,6%	11	1%	37	4,1%
Novembro	131	11%	163	13,3%	98	12,4%	7	1%	194	21,3%
Dezembro	183	16%	100	8,2%	14	1,8%	55	6%	323	35,4%
Total Geral	1.161	100%	1.227	100%	788	100%	880	100%	911	100%
Média mensal	96,75	-	102,25	-	66	-	73	-	76	-

Fonte: INMET – Instituto Nacional de Meteorologia. Disponível em: <www.inmet.gov.br/portal/index.php?i=home&page=rede_estacoes_auto_graf> Acesso em: 25 abr. 2015.

Elaboração: AGUIAR, Paulo César Bahia de. (2015).

DIFICULDADES NA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E NA COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

Em suas áreas produtivas os assentados do Coroa Verde normalmente cultivam diferentes produtos, embora em boa parte dos casos essa produção não seja tão variada. Isso se deve, dentre outros fatores, a falta de acompanhamento técnico aos produtores, a questão da disponibilidade de água para a produção, a falta de conhecimento por parte dos produtores de como manejar adequadamente o solo e também de consorciar adequadamente cultivos diferenciados, e os melhores períodos para desenvolverem determinados cultivos, além de praticamente não terem acesso a incentivos públicos para produzir e obter renda alternativa.

Os assentados produzem em seus hectares de terras frutas, verduras, raízes, leguminosas, e poucos produzem cereais. Afora o que eles produzem no assentamento, os alimentos consumidos no dia a dia são complementados com os comprados nos supermercados ou outros meios de venda, normalmente da cidade de Ipiaú ou na cidade de Barra do Rocha.

O cacau e o gado aparecem com maior frequência entre os produtos que apresentam maior rentabilidade para as famílias produtoras no assentamento (Quadro 1).

Quadro 1. Produtos que cada família desenvolve, período do ano em que planta, produtos que melhor se adequam a fertilidade do solo local e que apresentam maior rentabilidade

Família	Produtos que desenvolve	Períodos do ano em que planta cada produto	Produtos que melhor se adequam a fertilidade do solo local	Produtos que apresentam maior rentabilidade
1	Banana, cacau, cajá	Planta tudo junto	Cacau	Cacau
2	Aipim, milho, feijão, gado, cacau, cajá, banana	Não tem períodos definidos	Todos	Cacau, aipim, cajá, gado
3	Manga, laranja, abóbora, milho, aipim, feijão, cajá, cacau, gado	Geral. Não tem ideia	Mandioca, milho, feijão (tudo)	Cacau, gado
4	Abacaxi, mandioca, graviola, maracujá, mamão, cajá, feijão, milho, cacau, gado, amendoim, batata doce, aipim, melancia, banana	Geral. Não tem ideia	Tudo que planta	Abacaxi, maracujá, aipim, gado, cacau
5	Gado, cacau, cajá	Cajá (fevereiro e março)	Todos	Cacau
6	Cacau, banana, aipim, verduras	Não saber dizer. Só julho planta feijão	Aipim	Aipim, cacau
7	Cacau, gado, aipim, inhame, feijão, acerola, graviola, cajá, banana, coco	Feijão (julho), e os outros produtos de forma geral	Cacau	Cacau

Quadro 1. Continuação

Família	Produtos que desenvolve	Períodos do ano em que planta cada produto	Produtos que melhor se adequam a fertilidade do solo local	Produtos que apresentam maior rentabilidade
8	Cacau (só)	Só cacau (geral)	Cacau	Cacau
9	Mandioca, milho, cacau, abóbora, batata doce, banana da terra, feijão, gado	Geral. Não tem ideia	Feijão, mandioca e cacau	Cacau e gado
10	Manga, cacau	Geral. Não tem ideia	Cacau e manga	Cacau
11	Cacau, banana, feijão, mandioca, milho, gado	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau e gado
12	Cacau e gado	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau e gado
13	Cacau, gado, banana, mandioca, milho, feijão	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau e gado
14	Banana, cacau, cajá, feijão, aipim, gado	Geral. Não tem ideia	Aipim, cacau	Cacau e gado
15	Cacau, banana, cajá e gado	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau e gado
16	Cacau, aipim, abacaxi, banana da terra, feijão e amendoim	Agosto a Dezembro	Mandioca, aipim e o cacau	
17	Cacau	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau
18	Banana, abacaxi, manga, coco, jaca, cajá, cacau, gado, graviola	Cajá (de fevereiro a maio), abacaxi (de agosto a dezembro), graviola e coqueiro (tempo indeterminado)	Cacau	Cacau e gado
19	Banana, cacau, milho, abacaxi, milho, mangalô, cajá	Cereais (período chuvoso/março), cajá (em fevereiro), e o cacau depende da chuva	Aipim	Cacau, abacaxi, aipim
21	Aipim, batata doce, cacau, graviola, maracujá	Cacau (de maio a dezembro), cajá (de janeiro a março)	Cacau e graviola	Cacau e graviola
21	Cacau, banana, laranja, cajá, aipim, feijão, milho, amendoim, abacaxi, batata doce, abóbora, melancia	Cacau (de maio a dezembro), e o restante geral	Todos	Cacau
22	Mandioca, graviola, banana, cacau e aipim	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau
23	Cereais, cacau, banana e abacaxi	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau
24	Aipim, banana, café, abacaxi, abóbora, cacau	Geral. Não tem ideia	Banana, aipim, abacaxi	Cacau

Quadro 1. Continuação

Família	Produtos que desenvolve	Períodos do ano em que planta cada produto	Produtos que melhor se adequam a fertilidade do solo local	Produtos que apresentam maior rentabilidade
25	Cacau, banana, mandioca, gado, feijão	Cacau (maio a dezembro)	Todos	Cacau e gado
26	Aipim, banana da terra, banana da prata, cacau e gado	Geral. Não tem ideia	Aipim, banana, cacau e verdura	Cacau, gado e verdura
27	Banana, feijão, milho, cacau e gado	Quando o tempo está melhor feijão, e o cacau de maio a dezembro	Bananeira	Cacau e gado
28	Feijão, milho, mamão, quiabo, maracujá, verduras, cacau	Geral. Não tem ideia	Milho, feijão, maracujá e verduras	Cacau e verduras
29	Milho, feijão, banana, cacau e mandioca	Milho (março), e os outros quase tudo no início das chuvas	Mandioca, milho e feijão	Cacau
30	Abacaxi, banana da terra, batata, feijão, milho, cacau, gado	Abacaxi (dezembro), e cacau (dezembro)	Abacaxi	Cacau
31	Cacau, banana da prata, abacaxi, aipim e gado	Geral. Não tem ideia	Mandioca, banana da prata e abacaxi	Cacau
32	Banana, aipim, milho, feijão, mandioca e cacau	Março (feijão e milho)	Banana	Aipim e banana
33	Mandioca, milho, cacau e feijão	Março (feijão e milho)	Mandioca	Mandioca e cacau
34	Mandioca, banana, milho, gado, feijão	Março em diante (milho e os outros produtos)	Cacau	Cacau
35	Aipim, maracujá, milho, abóbora, cacau	Março em diante (todos os produtos)	Aipim	Aipim e Cacau
36	Banana da terra, banana da prata, aipim e cacau	Cacau e banana (em setembro)	Cacau	Cacau
37	Mandioca, banana, milho, feijão	Tudo ao mesmo tempo	Mandioca e feijão	Farinha de mandioca
38	Aipim, banana, limão, laranja	Geral. Não tem ideia	Aipim	Aipim
39	Gado, cacau, mandioca, banana da terra, maracujá, feijão	Geral. Não tem ideia	Maracujá, banana da terra, mandioca	Mandioca, maracujá
40	Cacau, banana	Geral. Não tem ideia	Cacau	Cacau
41	Gado, aipim, cacau, banana	Geral. Não tem ideia	Aipim e banana	Aipim, cacau e gado
42	Cacau, graviola	Geral. Não tem ideia	Graviola	Cacau
43	Milho, feijão, cacau, banana	Geral. Não tem ideia	Todos	Cacau

Quadro 1. Continuação

Família	Produtos que desenvolve	Períodos do ano em que planta cada produto	Produtos que melhor se adequam a fertilidade do solo local	Produtos que apresentam maior rentabilidade
44	Mandioca, milho, batata, feijão e cacau	Junho (milho)	Mandioca	Farinha de mandioca
45	Melancia, abóbora, milho, amendoim, banana, cacau, abacaxi	Novembro, março e julho (feijão e milho)	Feijão e milho	Milho, amendoim, feijão e banana
46	Banana, milho, mandioca, cacau, gado, abacaxi e batata	Geral. Não tem ideia	Não sabe responder	Cacau

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Alguns moradores do assentamento conseguem produzir excedentes e comercializar esses excedentes, normalmente na feira livre da cidade de Ipiaú; alguns poucos moradores vendem seus produtos para atravessadores ou direto com o revendedor. Exceção feita ao cacau, que de forma quase unânime, é comercializado pelas famílias com o armazém (Quadro 2).

O retorno financeiro na maioria dos casos não é satisfatório. Um dos fatores que pode estar contribuindo para isso é a inexistência da prática do associativismo entre os moradores do assentamento. O associativismo na venda dos produtos poderia contribuir tanto na escolha dos melhores “mercados” quanto na negociação dos “melhores preços” de venda, além da busca de alternativas para a redução do custo de frete, ou mesmo a aquisição de transporte próprio para escoamento dos produtos.

No que se refere ao beneficiamento/agregação de valor aos seus produtos no assentamento, somente três moradores tem acesso a equipamento para tal fim. Cada um desses três moradores possui uma máquina no quintal de suas casas que permitem beneficiamento de alguns de seus produtos (graviola, tamarindo, cupuaçu), agregando valor aos mesmos – embora com baixo valor agregado.

Uma importante conquista alcançada pelo Poder Público Municipal foi a aprovação do PAA municipal (Programa de Aquisição de Alimentos) no ano de 2014, o que proporcionará aos assentados do Coroa Verde que possuem a DAP destino certo para seus produtos com retorno financeiro garantido.

Outra questão importante a ser observada é o meio de escoamento dos produtos das famílias. Com exceção de poucos casos isolados em que os produtos são escoados por meio de transporte do próprio produtor, nos outros casos o escoamento dos produtos das famílias se dá por meio de transporte de terceiros (dos compradores ou privado). Essa realidade é prejudicial aos produtores, sobretudo no que se refere ao transporte privado, pois reduz o ganho final do produtor por este ter que custear o frete.

Quadro 2. Comercialização da produção e meios de escoamento dos produtos do Assentamento Rural Coroa Verde

Família	Como comercializa a produção	Meio de escoamento dos produtos
1	Com o armazém (cacau)	Carro particular (do armazém)
2	Com atravessadores (aipim e cajá) e com o armazém (cacau)	Carro particular (do armazém)
3	Com o armazém (cacau)	Carro particular (do armazém) e frete
4	Com atravessadores (o cajá) e com o armazém (o cacau)	Carro particular (do armazém) e frete
5	Com atravessadores (gado e cajá) e com o armazém (cacau)	Carro dos próprios compradores
6	Com atravessadores	De moto
7	Com atravessadores (cajá), e com o armazém (cacau)	Carro particular (do armazém)
8	Com o armazém (cacau)	Carro particular (do armazém)
9	Com atravessadores (gado), e com o armazém (cacau)	Carro particular e moto particular
10	Com o armazém (cacau)	Carro particular (do armazém)
11	Com o armazém (cacau), e com atravessadores (o gado)	Carro particular (do armazém ou alugado)
12	Com atravessadores (gado), e o cacau com o armazém	Carro particular do armazém (cacau), carro do comprador (gado)
13	Com atravessadores (gado), cacau com o armazém	Carro particular, e carro do armazém
14	Com atravessadores (gado), e o cacau com o armazém	Carro particular (gado), e carro do armazém
15	Com atravessadores (gado e cajá), e com armazém (cacau)	Carro particular (gado e cajá), e carro do armazém (cacau)
16	Na feira livre da cidade, e com o armazém (o cacau)	Transporte próprio (moto), e carro do armazém (cacau)
17	Com o armazém (cacau)	Carro do armazém
18	Com atravessadores (cajá), com os açougues (gado), para a PROLEITE (o leite), e com o armazém (o cacau)	Carro do armazém, carro particular, e carro do açougue
19	Direto com o consumidor e na feira livre da cidade	Frete particular
20	Diretamente com o consumidor, e com o armazém (o cacau)	Carro próprio
21	Com atravessadores (cajá), com o armazém (o cacau), e os demais produtos na feira livre	Carro privado, carro do atravessador, e o carro do armazém (cacau)
22	Com o armazém (o cacau), e os outros produtos com o vendedor	Carro próprio
23	Na feira livre e o cacau com o armazém	Carro alugado, carro do armazém (cacau)
24	Na feira livre, e o cacau com o armazém	Carro particular
26	Com atravessadores (o gado), com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre	Carro próprio

Quadro 2. Continuação

Família	Como comercializa a produção	Meio de escoamento dos produtos
27	Diretamente com o consumidor (o gado), e o cacau com o armazém	Carro particular (para o gado), e o carro do armazém para o cacau
28	Com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre	Carro privado, e o carro do armazém
29	Com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre e com atravessadores	Próprio (a mula própria), e o carro do armazém
30	Com atravessadores (gado), com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre da cidade	Frete particular
31	Com o armazém (cacau), e na feira livre os outros produtos	Carro próprio e o carro do armazém (firma)
32	Com o armazém (cacau), e os outros produtos na feira livre	Carro privado e carro do armazém
33	Com o armazém (o cacau) e os outros produtos na feira livre	Carro particular
34	Com o armazém (o cacau) e os outros produtos na feira livre	Carro privado e carro do armazém
35	Com o armazém (cacau), e os outros produtos na feira livre	Carro privado e carro do armazém
36	Com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre	Carro privado e carro do armazém
37	Com o armazém (o cacau) e os outros produtos na feira livre	Carro privado
38	Na feira livre	Combe privada
39	Com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre na cidade	Combe privada
40	Com o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre da cidade	Carro do armazém
41	Com o armazém (o cacau), os outros produtos na feira livre	Combe privada, e o carro da firma
42	Na feira livre	Carro particular
43	Com atravessadores e o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre	Carro particular
44	Na feira livre	Combe particular
45	Com atravessadores e o armazém (o cacau), e os outros produtos na feira livre	Combe particular e carro do armazém
46	Com o armazém (o cacau)	Carro próprio e carro privado

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

PRÁTICAS A SEREM SUPERADAS NO MANEJO DO SOLO E CONTROLE DE PRAGAS

Como práticas para a conservação do solo, alguns assentados se utilizam de fertilizantes, adubos químicos e inseticidas, que, em longo prazo, podem prejudicar mais ainda o solo, pois além de matar os microrganismos, infectam o solo e as plantas com produtos químicos, e diminuem a capacidade do solo em produzir. Isso torna o

solo infértil, desestrutura-o, e traz sérios prejuízos à saúde humana. São poucos os casos de moradores que deixam vegetação “morta” sobre o solo após a colheita dos cultivos – sendo essa prática benéfica para nutrir o solo e corrigir certas deficiências neste.

Para o manejo do solo e manutenção do processo produtivo, no que se refere à utilização de fertilizantes e adubos, 67% das famílias não utilizam nenhum tipo de fertilizantes ou adubos no processo produtivo, e 9% utilizam apenas o manejo natural; por outro lado, 24% das famílias se utilizam de algum tipo de fertilizante ou adubo no processo produtivo – sendo alguns desses produtos de pesados impactos químicos negativos, a exemplo da ureia (Tabela 7).

Para prevenção e controle de pragas na lavoura ainda alguns assentados utilizam-se de produtos químicos. Embora muitos não utilizem nenhuma prática nesse sentido, e outros só utilizem a poda e o corte no cacau por causa da praga “vassoura de bruxa”, muitos se utilizam de produtos químicos sobretudo por causa de formigas, de lagartas, e para o capim.

Os principais meios utilizados pelos assentados para prevenção e controle de pragas na lavoura são: Inseticidas (para formigas), clonagem, poda e corte no cacau (por causa da vassoura de bruxa), Rhoundap, Difosato, MIREX-S, Fumo com Água, Formicida “Attamix”, Pó 50, Formicida, Carrapaticida, Fungicida, DX, Inseticida Pica-Pau, BX40, Malathion, BHC, Glifosato, IVOMEK (Quadro 3). Embora um ou outro assentado utilize um ou outro desses produtos.

Tabela 7. Tipos de fertilizantes/adubos utilizados na produção no Assentamento Rural Coroa Verde e o número de famílias que os utilizam

UTILIZAÇÃO DE FERTILIZANTES E ADUBOS NO PROCESSO PRODUTIVO		
Tipos de fertilizantes/ adubos utilizados	Frequência absoluta de famílias que utilizam	Frequência percentual (%)
Adubo A	1	2,2
Adubo químico, estrume de gado, e adubo natural	1	2,2
Estrume de gado/ adubo orgânico	1	2,2
Fósforo e nitrogênio	1	2,2
Manejo natural	4	8,7
Não utiliza	31	67,0
Supersimples, calcário e ureia	1	2,2
Supersimples, Cloreto de Potássio e Malathion	1	2,2
Ureia	2	4,4
Ureia e Adubo A (para o cacau)	1	2,2
Ureia e calcário	1	2,2
Utiliza mas não lembra o nome	1	2,2

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Quadro 3. Meios utilizados para prevenção e controle de pragas na lavoura no Assentamento Rural Coroa Verde

MEIOS UTILIZADOS PARA PREVENÇÃO E CONTROLE DE PRAGAS NA LAVOURA
--

Inseticidas (para as formigas), clonagem, poda e corte no cacau (por causa da vassoura de bruxa), Rhoundap, Difosato, MIREX-S, Fumo com Água, Formicida “Attamix”, Pó 50, Formicida, Carrapaticida, Fungicida, DX, Inseticida Pica-Pau, BX40, Malathion, BHC, Glifosato, IVOMECC.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

No que se refere aos equipamentos e materiais utilizados pelos assentados no trabalho, nas áreas produtivas, os principais são: enxada, facão, foice, biscó, enxadete, podão, tesoura, canivete, serra, faca, cavador, motosserra, facão, machado, máquina de roçagem, bomba manual, cavadeira e outros objetos manuais.

Embora os mencionados equipamentos e materiais sejam utilizados pelos assentados no trabalho, no entanto, estes não são utilizados de forma geral por todos os assentados, mas sim um ou outro equipamento e material são utilizados por um ou outro assentado.

DESAFIOS A SEREM SUPERADOS (Questões produtivas e sociais)

O Assentamento Rural Coroa Verde, em sua origem, foi um exemplo pelo nível de cooperação e senso de coletivismo por parte dos assentados, e pela estrutura e equipamentos que lhes estiveram disponíveis. No entanto, com o transcorrer do tempo esse senso de coletivismo e cooperação vem se perdendo (segundo informação da liderança e de alguns assentados, esse fato tem como causa principal a desestruturação da relação de confiança entre moradores por questões ocorridas no transcurso da existência do assentamento); e os benefícios obtidos em infraestrutura e em equipamentos estão se deteriorando.

Proporcionar acesso mais fácil aos mecanismos que possibilitem à produção agrícola qualidade sensorial e nutricional melhor que a convencional (o que valorizaria financeiramente esses produtos no momento da venda), e facilidade para o escoamento dos produtos e o acesso a mercados e valores mais vantajosos, são necessidades reais para os produtores. Para esse fim ficou evidente no assentamento a necessidade de assistência aos produtores e o acompanhamento a estes voltados a adoção de práticas produtivas alternativas à convencional, a exemplo da adoção do consórcio adequado de espécies – o que levaria ao controle biológico de pragas e melhoraria significativamente a qualidade dos produtos, sem prejuízos à saúde humana.

Tais considerações são reforçadas quando se observa as frequências das respostas dadas por 14 assentados, ou seja, 30% dos 46 moradores aos quais foi aplicado o formulário semiestruturado, a questões ligadas à produção, agregação de valor, comercialização e manejo do solo, com opções de respostas que variam entre: péssimo, ruim, regular, bom e muito bom – em uma escala, respectivamente, de 0 a 4. Observa-se que a opinião dos entrevistados, evidenciada pelas respostas, em sua maioria ficou concentrada entre péssimo, ruim e regular (Tabela 8).

Tabela 8. Concordância às questões ligadas à produção, manejo, agregação de valor e comercialização

Indicadores	Péssimo (0)	Ruim (1)	Regular (2)	Bom (3)	Muito bom (4)	Não respondeu	Total de entrevistados
1. Qualidade dos recursos e serviços existentes no assentamento	2	6	5	0	1	0	14
2. Acessibilidade por parte dos moradores do assentamento a incentivos públicos para produzir e obter renda alternativa	2	5	5	0	1	1	14
3. Qualidade das políticas de capacitação que atendem a demanda de mão de obra do assentamento	1	10	2	0	0	1	14
4. Capacidade dos moradores do assentamento em produzir alimentos para subsistência própria	3	7	2	1	1	0	14
5. Capacidade dos assentados comercializarem os excedentes de sua produção em localidades fora do assentamento	1	6	6	0	1	0	14
5. Possibilidades dos moradores terem acesso aos meios para beneficiamento/agregação de valor aos seus produtos agrícolas no assentamento	4	6	3	0	1	0	14
6. Associativismo dos moradores do assentamento quando vão negociar e comercializar os seus produtos em outras localidades	6	5	3	0	0	0	14
8. Qualidade das práticas de conservação do solo utilizadas no setor produtivo pelos moradores do assentamento	1	8	4	0	1	0	14
9. Resultado dos assentados utilizarem fertilizantes/ adubos químicos/ inseticidas no solo e nas plantas no processo produtivo	0	5	8	1	0	0	14

Tabela 8. Continuação

Indicadores	Péssimo (0)	Ruim (1)	Regular (2)	Bom (3)	Muito bom (4)	Não respondeu	Total de entrevistados
10. Frequência com que os moradores do assentamento deixam vegetação “morta” sobre o solo após a colheita dos cultivos	3	4	6	0	0	1	14

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

A necessidade de melhora na qualidade de vida familiar, social e produtiva no assentamento é um fato evidente. No que consiste a questão social, embora os moradores do assentamento saibam que deveriam conviver como/ e ter o sentimento de comunidade, no entanto, não se veem como tal (Tabela 9). O nível de cooperação entre eles é muito baixo, e se dá normalmente entre aqueles que são mais amigos, em coisas simples do cotidiano, ou para aqueles que têm carro no dar uma carona, levar ao hospital, etc.

Quando existem conflitos mais sérios entre os assentados normalmente a polícia é acionada por algum morador para resolver o conflito e esta se desloca da cidade para o assentamento com a finalidade de averiguar o caso; ou então os próprios envolvidos é quem resolve o caso. No assentamento não são oferecidos serviços de segurança pública aos moradores; e lá, raramente a polícia faz ronda.

De igual forma dentro do assentamento não são oferecidos serviços de saúde aos assentados. Em uma necessidade, a ambulância se deslocada da cidade até o local e leva o paciente para ser atendido no hospital (na cidade); ou o familiar deste consegue uma carona com algum morador do lugar para deslocar o paciente até a cidade com a finalidade de receber atendimento médico. No local, somente um agente de saúde às vezes dá assistência aos moradores.

Para os jovens não existem perspectivas de crescimento educacional e profissional no lugar. A única escola existente no assentamento “Escola Municipal Antônio Motta Bittencourt” atende somente às séries do ensino primário. Por conta disso, muitos jovens acabam saindo do lugar à busca de perspectivas de melhora em outras localidades, ou mesmo em outros estados do Brasil.

No que se refere às vias de acesso ao assentamento e de locomoção dentro do mesmo, são amplas e satisfatórias – embora não asfaltadas -, e os meios de locomoção acabam por atender bem aos assentados em suas necessidades de deslocamento. Contudo, para o deslocamento de produtos, na maioria dos casos os assentados têm de contratar serviço particular (frete, carro ou cômbe).

Para a questão do acesso a informação e meios de comunicação, à exceção da internet (que não tem torre de captação de sinal no local), os moradores do assentamento tem amplo acesso em suas residências à televisão, a rádio, a aparelhos de celular com sinal da operadora Claro, e a um orelhão em espaço público funcionando.

Tabela 9 - Concordância às questões ligadas a dimensão social.

Indicadores	Péssimo (0)	Ruim (1)	Regular (2)	Bom (3)	Muito bom (4)	Excelente (5)	Não respondeu	Total de Entrevistados
1. Forma com que as pessoas que moram no assentamento se veem como comunidade	0	9	5	0	0	0	0	14
2. Cooperação entre os moradores do assentamento	2	8	3	0	1	0	0	14
3. Capacidade dos moradores do assentamento resolver conflitos entre eles em curto espaço de tempo	2	8	4	0	0	0	0	14
4. Participação dos moradores nas tomadas de decisão no que se refere à comunidade	2	4	7	0	1	0	0	14
5. Possibilidades de acesso ao ensino no assentamento para os moradores	0	1	12	0	1	0	0	14
7. Perspectivas de crescimento educacional e profissional dos jovens no assentamento	4	6	3	0	1	0	0	14
8. Qualidade do saneamento básico na comunidade	2	5	7	0	0	0	0	14
9. Qualidade das vias de acesso e meios de locomoção para permitirem o deslocamento de pessoas e de produtos com custos acessíveis e tempo aceitável	1	6	7	0	0	0	0	14

Tabela 9. Continuação

Indicadores	Péssimo (0)	Ruim (1)	Regular (2)	Bom (3)	Muito bom (4)	Excelente (5)	Não respondeu	Total de Entrevistados
10. Acessibilidade dos moradores às tecnologias da informação (televisão, internet, rádio, telefone) no assentamento	2	3	9	0	0	0	0	14
11. Qualidade dos serviços de saúde oferecidos para os moradores no assentamento	5	7	2	0	0	0	0	14
12. Qualidade dos serviços de segurança oferecidos aos moradores no assentamento	3	8	3	0	0	0	0	14

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2014).

Conclusão

Com a pesquisa, a partir dos dados e informações levantados, identificou-se um conjunto de desafios ao Assentamento Rural Coroa Verde no âmbito econômico (produtivo) e social que precisam ser vencidos para que este espaço geográfico caminhe efetivamente na direção do seu desenvolvimento.

Dentre esses desafios encontram-se a necessidade de soluções alternativas ao problema da baixa disponibilidade hídrica nas áreas de produção; a necessidade da diversificação da produção agrícola; de terem acompanhamento técnico especializado para a produção (sobretudo para trabalhar junto a eles sobre os melhores períodos para desenvolverem determinados cultivos, para manejar adequadamente o solo e consorciar adequadamente cultivos diferenciados - tanto para melhor controle biológico de pragas quanto para melhoria da qualidade sensorial e nutricional desses cultivos) e na agregação de valor e comercialização dos produtos. Há uma necessidade premente de regularização por parte de alguns assentados junto aos órgãos específicos para poderem ter acesso a créditos para a produção e, conseqüentemente, obtenção de renda alternativa.

Ainda ficou evidente no assentamento a necessidade da prática do associativismo tanto na venda dos produtos, para escolha dos melhores mercados compradores, quanto na negociação dos melhores preços de venda, e para buscarem alternativas no sentido da redução do custo do frete ou da aquisição de transporte próprio para o escoamento dos produtos.

No assentamento é preciso substituir práticas de manejo do solo e de controle de pragas prejudiciais, como a utilização de fertilizantes químicos, inseticidas, dentre outras, por práticas limpas, como o controle biológico de pragas através do consórcio de espécies, a compostagem, a utilização de vegetação morta, utilização de remédios naturais (fertilizantes e inseticidas biológicos), etc. Diante dessa realidade, uma alternativa para minimizar o problema e viabilizar a permanência das famílias no campo, é a adoção de práticas de produção sob bases agroecológicas, a qual tem contribuído eficazmente em outros contextos para uma boa produção de alimentos de qualidade, suprimindo não apenas as necessidades de consumo das famílias, mas também a comercialização dos excedentes – gerando renda aos produtores. A Agroecologia, segundo Caporal e Costabeber (2000), é uma ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas. Esta se configura, em várias regiões do país, enquanto uma contrarreforma agrária, em oposição ao modelo de reforma agrária vigente que dificulta a luta do produtor rural para permanecer na terra.

Nesse sentido, e no sentido de uma proposta alternativa ao problema do acesso à água para a produção agrícola, dois importantes trabalhos de extensão¹ foram desenvolvidos no assentamento pelos dois autores principais deste artigo (via Universidade Estadual de Santa Cruz). Os trabalhos foram: desenvolvimento de um sistema de captação de água da chuva (em telhado), filtragem (em caixa de alvenaria) e armazenamento (em tanque de ferrocimento com capacidade para 38.000 litros) voltado para irrigar cultivos desenvolvidos em uma unidade demonstrativo-educativa “horta” – os dois trabalhos foram efetivados no centro da agrovila, de forma integrada, e com a finalidade de capacitação técnica aos moradores, propiciando-lhes alternativas. Contudo, até o momento poucos resultados práticos na vida produtiva e social dos moradores foram observados por meio dos trabalhos.

Para a questão social, os principais desafios identificados com a pesquisa foram: os moradores precisam desenvolver o senso de se sentir e conviver como comunidade; e desenvolverem maior cooperação entre eles. Por sua vez, há uma necessidade de maior participação do Poder Público Municipal em atender certas necessidades da comunidade, como o fornecer serviços fixos de segurança no local, de saúde (através da construção e instalação de um posto no local com atendimento regular), e promover mais oportunidades para os jovens no próprio lugar, através da construção de escola de níveis mais elevados que ofereçam cursos e oportunidades a partir de práticas que explorem o conhecimento do próprio lugar, que possui amplas potencialidades – e utilizem os seus recursos de forma racional e sustentável. O que de fato viria a contribuir para o desenvolvimento do lugar.

É imprescindível, portanto, intervenção na realidade do assentamento por parte das esferas competentes, e mesmo por parte dos seus gestores dentro do próprio assentamento. Faz-se necessária a construção e aplicação de um plano de desenvolvimento, primando por intervenção em áreas prioritárias e nas quais o assentamento tem apresentado maiores limitações, como o processo produtivo e nas relações sociais.

¹ Os trabalhos de intervenção foram desenvolvidos, entre o segundo semestre de 2014 e o primeiro semestre de 2015, como parte dos requisitos para conclusão de um curso de Especialização em Agroecologia Aplicada a Agricultura Familiar – Residência Agrária, pela mencionada Universidade.

Uma tentativa nesse sentido foi o Plano de Desenvolvimento Sustentável para o Assentamento, Volumes I e II, desenvolvido por meio de convênio entre o Incra² e a Fapex³, contanto com a participação de pesquisadores-professores universitários, outros profissionais e estagiários. Conquanto esse plano tenha aspectos importantes, no entanto, apresenta lacunas, sobretudo porque o projeto passou por certos entraves burocráticos para efetivação de algumas etapas – além de que seus resultados em grande medida não foram revertidos em políticas públicas que beneficiassem o lugar. Portanto, há a necessidade de realização de um novo plano, atual, mais abrangente, de forma participativa, que apresente novas nuances do local, e que se reverta efetivamente em benefícios ao assentamento.

Segundo Castilho, Arenhardt e Bourlegal (2009), a formulação de um plano e a adoção de ações visando o desenvolvimento local é uma das alternativas mais viáveis para proporcionar o desenvolvimento de uma determinada comunidade, pois geram condições favoráveis para a cooperação, a ajuda mútua, a tomada de decisões conjuntas e a criação de princípios básicos.

Referências bibliográficas

- Aguiar, P. C. B. de.; Bruno, N. L.; Moreau, A. M. S. dos S.; Fontes, E. de. O. Evolução da Ocupação e na Configuração Territorial do Município de Canavieiras, Bahia, Brasil. *Revista Geográfica de América Central*, Heredia, Costa Rica, Vol. 2, N. 53, p. 189-216, 2014.
- Andrade, M. C. de. GEOGRAFIA RURAL: questões teórico-metodológicas e técnicas. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, v. 5, n. 9, p. 5-16, fev., 2010.
- Caporal, F. R.; Costabeber, J. A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: perspectivas para uma Nova Extensão Rural. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 1, jan./mar. 2000.
- Castilho, M. A.; Arenhardt, M. M.; Bourlegal, C. A. Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do sul, MS. *INTERAÇÕES Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 10, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2009.
- Collins, P. H. The New Politics of Community. *American Sociological Review*, Washington, v. 75, n. 1, p. 1-30, February. 2010.
- Fernandes, A. L. C. et al. Relatório I. Diagnóstico Socioeconômico e Demográfico e Aplicação de Metodologia. Município de Canavieiras – Bahia. Salvador: Carvalho Fernandes Consultoria em Planejamento e Gestão Ltda., dez. 2008.
- Freitas, H. I. de.; Germani, G. I. *A questão da (reforma) agrária e a política de desenvolvimento territorial rural no litoral sul da Bahia*. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos (ENG 2010). Porto Alegre, RS: UFRGS, julho de 2010.
- Gomes, C. B.; Nascimento, A. D. (Coord.). Plano de Desenvolvimento Sustentável para o Projeto de Assentamento Rural Coroa Verde: município de Barra do Rocha/ estado da Bahia. Volume I. Salvador: FAPEX/INCRA, 2002.
- González, H. SITUACIÓN ACTUAL, TENDENCIAS Y RETOS DEL DESARROLLO RURAL EM COSTA RICA. XI Congreso Nacional Agronómico/ I Congreso Nacional de Extensión, 1999.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Informações Completas sobre

² Incra, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

³ Fapex, Fundação de Apoio a Pesquisa e Extensão da Bahia

- o Município de Barra do Rocha – Bahia. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/FXU>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Relação dos Projetos de Reforma Agrária do Brasil. Brasília, DF: Diretoria de Obtenção de Terras e Implantação de Projetos de Assentamento (DT), 2011.
- Lacerda, L. Agroindustrialização de alimentos nos assentamentos rurais do entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena e sua inserção no mercado turístico, Bonito/MS. *INTERAÇÕES Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 8, n. 1, p. 55-64, mar. 2007.
- Lima, K. K. S.; Lopes, P. F. M. A qualidade socioambiental em assentamentos rurais do Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista Ciência Rural*, Santa Maria, v.42, n. 12, p. 2295-2300, dez. 2012.
- Mascarenhas, G. C. C. A atual conjuntura socioeconômica e ambiental da região Sul da Bahia e a agricultura sustentável como uma alternativa concreta. In: Uzêda, M. C. (Org.). *O desafio da agricultura sustentável: alternativas viáveis para o Sul da Bahia*. Ilhéus: Editus, 2004. 131 p.
- Meliani, P. F. Políticas Públicas e Produção do Espaço no Sul da Bahia: Análise da Situação por Município dos Projetos de Reforma Agrária na Microrregião Ilhéus-Itabuna. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, Recife, V. 03, N. 1, p. 231-255, 2014.
- Pereira, T. M.S.; Silva, J. B.; Silva Filho, A. P. C. As dinâmicas rurais no contexto do desenvolvimento: Estudo de caso do assentamento Cícero Romana I – Paraíba. *Revista Geográfica Acadêmica*, Boa Vista, Roraima, v. 8, n. 2, p. 47-58, nov./dez. 2014.
- Rocha, L. B. A região cacauzeira da Bahia – dos coronéis do cacau à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008. 255p
- Rosas, C. A. da F. A. (Des) construção da dicotomia rural-urbano no extremo noroeste paulista. 246 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia, MG: UFU, 2010.
- Sachs, I. Desenvolvimento sustentável, bio-industrialização descentralizada e novas configurações rural-urbanas. Os casos da Índia e do Brasil. In: Freire, P.; Weber, J. *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: Novos desafios para a pesquisa ambiental*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- Santos, S. dos.; Oliveira, L. C. de.; Santos, A. dos.; Rocha, J. C.; Rosa, A. H. *Poluição Aquática*. In: Rosa, A. H.; Fraceto, L. F.; Moschini-Carlos, V. (Org.). *Meio ambiente e sustentabilidade*. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- Sen, A. K. *Development as freedom*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- Silva, E. M.; Cereda, M. P. Segurança alimentar, saúde, educação e lazer como fatores de base para desenvolvimento rural de um assentamento do Mato Grosso. *Interações Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 15, n. 2, p. 275-284, jul./dez. 2014.
- Tarpani, C. Comunidades rurais no Brasil e a informação. *R. C. Biblioteconomia*, UFMG, BH., v. 20, n. 1, p. 55-66, Jan./Jun. 1991.
- Toledo, V. M. Principios etnoecológicos para el desarrollo sustentable de comunidades campesinas e indígenas, *Temas Clave, CLAES*, UNAM, Centro de Ecología, México, N. 4, 1996. Disponível em: <<http://infocuib.laborales.unam.mx/~ec08s02c/archivos/data/1/12.pdf>> Acesso em: 30 Set. de 2013.